

***IDENTIDADE, GÊNERO E PSICANÁLISE LACANIANA:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À LÓGICA DO  
SUJEITO***

*Autora: Jaqueline Cristina de Castro<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre o conceito de identidade a partir do referencial teórico da psicanálise lacaniana, articulando-o com debates contemporâneos dos movimentos sociais, da filosofia e das teorias feministas. Partindo da desconstrução do sujeito moderno promovida por Freud e aprofundada por Lacan, analisa-se como a constituição do sujeito se dá a partir do campo do Outro, da linguagem e da falta estrutural, evidenciando que a identidade é sempre uma construção contingente, dividida e inacabada. Por fim, defende-se a relevância de uma psicanálise comprometida com a escuta da diferença e aberta às multiplicidades subjetivas e sociais da contemporaneidade.

**Palavras-Chave:** Alienação; Diferença; Outro; Tábua da Sexuação; Teorias Feministas.

**Abstract:** This paper proposes a critical reflection on the concept of identity based on the theoretical framework of Lacanian psychoanalysis, articulating it with contemporary debates from social movements, philosophy, and feminist theories. Starting from the deconstruction of the modern subject initiated by Freud and further developed by Lacan, the analysis examines how the constitution of the subject takes place within the field of the Other, language, and structural lack, demonstrating that identity is always a contingent, divided, and unfinished construction. Finally, the paper argues for the relevance of a psychoanalysis committed to listening to difference and open to the subjective and social multiplicities of contemporaneity.

**Keywords:** Alienation; Difference; Other; Sexuation Table; Feminist Theories.

---

<sup>1</sup>Pesquisadora do LABIEL, Laboratório de Estudos Lacanianos. Universidade Federal Fluminense (UFF), Volta Redonda, Rio de Janeiro.

## ***INTRODUÇÃO***

A presente pesquisa encontrou terreno no Laboratório de Estudos Lacanianos, pensando a psicanálise lacaniana - e suas reverberações em território Latino-Americano -, seus efeitos e sua contribuição na contemporaneidade. Ainda, essa pesquisa acerca da identidade, mais especificamente com recorte de gênero, ainda que não foque diretamente a atuação e a formação do analista, presta suporte ético-teórico a uma atuação clínica que lida com questões contemporâneas.

Uma das justificativas do trabalho reside no fato de a identidade, enquanto conceito filosófico, sociológico e psicanalítico, nunca ter sido um terreno de consensos. Se, na tradição clássica, Platão e Aristóteles buscavam fundamentá-la em essências estáveis ou princípios lógicos, as transformações sociais, políticas e epistemológicas dos séculos XX e XXI deslocaram radicalmente essa noção. Hoje, a identidade é entendida como um processo dinâmico, marcado por tensões entre singularidade e coletividade, entre permanência e transformação, entre reconhecimento e exclusão. Esta pesquisa, então, investigou como a identidade é construída, disputada e ressignificada em três eixos interligados: a filosofia clássica, que lançou as bases ontológicas do debate; os movimentos sociais contemporâneos, em especial o feminismo, que a transformaram em campo de luta política; e a psicanálise lacaniana, que desvirtuou sua pretensão de unidade ao revelar sua estruturação pela linguagem e pela falta.

Nesse sentido, este trabalho justifica-se por questionar a psicanálise a partir do conceito de identidade, considerando as questões de gênero que atravessam a contemporaneidade. A partir desse contexto no qual o próprio significado de identidade se tornou campo de disputa - sendo reivindicado e

problematizado por movimentos sociais diversos -, urge interrogar os limites e as potencialidades da teoria lacaniana para compreender os processos de subjetivação atuais. Dessa forma, o feminismo é utilizado aqui como um exemplo privilegiado desse embate, pois ilustra como a identidade pode ser, ao mesmo tempo, uma categoria de emancipação política e um ponto de cristalização normativa. Elaboramos, então, uma revisão crítica desse embate.

Partindo do mito platônico do andrógino - metáfora da busca por uma completude perdida -, percorremos as críticas aristotélicas ao essencialismo, as rupturas sociológicas de Durkheim e Bauman e as teorizações psicanalíticas sobre o sujeito dividido. A identidade, longe de ser um dado a priori, revela-se uma ficção necessária: "semi-fictícia e semi-necessária", como propõe Boaventura de Sousa Santos, articulando pertencimento e resistência. Na teoria feminista, essa ficção é tensionada por teóricos como Judith Butler e Paul B. Preciado, que denunciam os riscos de cristalização identitária e defendem a performatividade do gênero e a fluidez dos corpos. Já a psicanálise lacaniana, com sua ênfase no sujeito barrado e no "não-todo", oferece ferramentas para pensar a identidade além das normas binárias, ainda que suas limitações frente às demandas contemporâneas - como as críticas transfeministas - precisem ser reconhecidas.

Esta pesquisa não apenas mapeia essas disputas, mas as coloca em diálogo, propondo que a identidade é um paradoxo estrutural: ela é simultaneamente ferramenta de emancipação e dispositivo de controle, lugar de reconhecimento e sintoma de uma falta constitutiva. Ao final, defende-se que uma abordagem crítica da identidade exige navegar entre a recusa dos essencialismos e a urgência do desenvolvimento da clínica psicanalítica para que esteja à altura de seu tempo e território.

### ***FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA***

Essa pesquisa articulou a trajetória do conceito de identidade desde a filosofia clássica à psicanálise lacaniana, utilizando como fio condutor movimentos sociais que ganharam grande expressão na contemporaneidade, a saber, as teorias feministas e as questões de gênero. O conceito de identidade foi

examinado em uma perspectiva histórica e interdisciplinar. Investigamos, a princípio, as formulações filosóficas de Platão e Aristóteles, que definiam a identidade em essências estáveis e princípios lógicos até chegar às contribuições das ciências sociais contemporâneas, que a compreendem como um processo relacional e histórico. Ao percorrer autores como Stuart Hall, Boaventura de Sousa Santos, Marilena Chauí, entre outros, concluiu-se que a concepção de identidade, antes fixa e universal, evoluiu para uma noção fluida, plural, marcada pela linguagem, pela alteridade e pelas relações de poder. Nesse contexto, chegamos à conclusão de que a identidade não é um dado, mas uma construção simbólica, política e afetiva atravessada por tensões entre permanência e transformação, pertencimento e exclusão.

A pesquisa aprofundou a dimensão política da identidade ao analisá-la no contexto dos movimentos sociais e, em particular, do feminismo. No estudo do movimento feminista pôde-se concluir não tratar-se apenas um movimento por igualdade, sendo, para além disso, um campo plural e dinâmico que objetiva também um questionamento das normas sociais e dos regimes de visibilidade que constituem os sujeitos. Nesse contexto, a pesquisa analisou as diferentes “ondas” feministas - metáfora utilizada por Conceição Nogueira (2017) - destacando tanto suas contribuições quanto seus impasses, como as tensões entre universalismo e interseccionalidade, e as críticas ao essencialismo identitário. Adicionada à discussão, a autora Simone de Beauvoir em sua célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” rompe com a concepção essencialista de gênero e mobiliza um início do deslocamento da categoria “mulher”. Na sequência, autoras como Bell Hooks e Judith Butler demonstram que na contemporaneidade esse sujeito político, antes visto como homogêneo, é cooptado por um campo de disputas em torno das múltiplas formas de existência e dos critérios de pertencimento. Nesse sentido, pode-se depreender que as políticas identitárias são, ao mesmo tempo, ferramentas de reconhecimento e dispositivos de exclusão, exigindo constante revisão crítica de suas próprias categorias.

A pesquisa ainda percorre o rompimento com a teoria da psicanálise clássica, apresentado por Luce Irigaray, inaugurando uma crítica contundente à teoria da sexuação de Jacques Lacan. Argumenta-se, ali, que o simbólico

lacaniano, estruturado pela primazia do falo, marginaliza o feminino ao subordiná-lo à lógica fálica. Irigaray, afirma que a mulher é definida como ausência no campo simbólico, pensada apenas em relação ao homem, e não a partir de uma lógica própria. Essa crítica foi formalizada em sua tese *Speculum. De l'autre femme* (1974), a autora confronta a tradição da psicanálise lacaniana por construir o feminino como reflexo do masculino. Nesse sentido, observa-se que esse gesto teórico e político marca a ruptura da autora e inaugura uma crítica feminista ao pensamento lacaniano, propondo que o feminino seja concebido como um campo autônomo de significação, com uma nova gramática simbólica para sua expressão.

Irigaray propôs um novo regime discursivo que permita nomear o feminino para além das estruturas binárias que sustentam a linguagem e o desejo na psicanálise. Ela critica o fato de que, no discurso lacaniano, a organização do gozo e da sexuação em torno da função fálica não deixa espaço para uma representação plena da mulher, e nesse sentido, relega-a à condição de “não-toda”. Essa abordagem abre caminho para Judith Butler, que, em *Problemas de Gênero* (2018), intensifica a crítica ao modelo psicanalítico ao propor que gênero é um efeito performativo de normas discursivas reiteradas, recusando a ideia de um sujeito pré-discursivo e de uma diferença sexual tomada como base estável para a constituição da identidade.

Judith Butler concebe a performatividade de gênero como uma repetição estilizada de atos que normatizam e, ao mesmo tempo, abrem possibilidade de subversão. Em contraste com Lacan, que insere o sujeito em uma lógica simbólica anterior, Butler propõe que o sujeito emerge pela repetição performativa das normas, podendo resistir a elas por reiterações desviantes. A pesquisa aponta que, ainda que ambos os autores rejeitem uma ideia de essência do sujeito, eles divergem quanto à agência e à subversão. Um importante resultado da pesquisa foi utilizar esta aproximação para reinterpretar a posição “não-toda” de Lacan, permitindo pensá-la como abertura para a multiplicidade e a não-totalidade do feminino, articulando a teoria lacaniana à noção de performatividade e às identidades dissidentes.

Paul B. Preciado, outro autor pesquisado, realizou uma crítica radical à

estrutura binária da sexuação proposta por Lacan, especialmente à da Tábua da Sexuação, que, segundo ele, reproduz uma matriz heteronormativa centrada na lógica fálica. Essa posição foi posta publicamente na conferência de 2019 na Société Psychanalytique de Paris, o que marcou uma ruptura simbólica com a psicanálise tradicional, que ainda insiste em leituras normativas da diferença sexual. Preciado defende que a clínica psicanalítica precisa escutar o “sujeito mutante” do presente e propõe uma nova gramática da subjetivação que vá além do binarismo de gênero e da centralidade fálica. Somado a isso, em o Manifesto Contrassexual (2014), Preciado propõe deslocar o desejo e o corpo das categorias fixas de “homem” e “mulher”, entendendo-os como ficções políticas atravessadas por tecnologias de poder e produção subjetiva. Para ele, a identidade não é resultado de uma falta simbólica, mas efeito de práticas corporais, discursivas, farmacológicas e tecnológicas que constroem o sujeito em sua mutabilidade. O que denuncia que a psicanálise, ao manter a dualidade sexual como estrutura, exclui corpos dissidentes, como pessoas trans, intersexo e não binárias, e impede que novas formas de vida sejam escutadas.

Preciado propõe, assim, uma leitura contrassexual e não binária da subjetividade, em que as identidades são dispositivos transitórios e estratégicos, não essenciais. O corpo deixa de ser “biopolítico” e se torna plataforma de experimentação subjetiva; o simbólico não é negado, mas reinscrito a partir de outras práticas e inscrições. Concluiu-se que essa abordagem permite outra reinterpretação dos conceitos lacanianos de “não-todo” e a Tábua da Sexuação de modo crítico, evidenciando os impasses da normatividade sexual e abrindo caminho para uma psicanálise capaz de olhar para as singularidades que escapam ao universalismo fálico.

A pesquisa buscou ainda entender melhor o funcionamento das formalizações lacanianas e relacioná-las às críticas buscando as possíveis mediações ao sujeito contemporâneo. Analisamos como Jacques Lacan recorre à teoria dos conjuntos para reformular o modo como se pensa o sujeito, deslocando-o da noção de unidade para uma estrutura lógica fundada no vazio e na diferença. Tendo como referência Frege, Lacan mostra que o Um não é uma essência, mas um efeito de operação significante, tal como o zero e o conjunto

vazio são condições lógicas para a contagem. Assim, essa articulação entre matemática e psicanálise demonstra a desestabilização do ideal de totalidade e evidencia que o sujeito emerge de uma falta estrutural que nenhuma simbolização consegue suturar. Nesse sentido, a teoria dos conjuntos tal como colocada por Lacan fornece o modelo para pensar a inscrição do sujeito na linguagem e no campo do Outro, articulando pertencimento e exclusão como operações constitutivas.

O percurso teórico da pesquisa caminhando pelos referentes dados por Lacan e autores posteriores mobilizou ainda as leituras de Cantor, Gödel e Badiou para mostrar que toda tentativa de totalização deixa escapar um resto irreduzível. A posição do “não-todo” em Lacan encontra, assim, fundamentação rigorosa na lógica matemática, mostrando que o gozo e a sexuação não podem ser totalmente representados pela função fálica. Esse caminho permite compreender que o sujeito não se representa a si mesmo, mas ex-siste entre significantes, como resto ou excedente do processo de simbolização. Ao colocar em diálogo esses referenciais, a pesquisa demonstrou que, na psicanálise lacaniana, a identidade não é uma unidade plena, mas um efeito de operações que sempre incluem e excluem algo ao mesmo tempo.

Desse modo, a pesquisa abre um caminho para ser possível aplicar a formalização lacaniana aos debates contemporâneos sobre identidade e gênero levantados na pesquisa. O que se ressalta é que, assim como um conjunto se constitui pelo que inclui e exclui, as categorias políticas - gênero, raça, sexualidade - também carregam a marca da incompletude. A identidade, nos movimentos sociais, não pode ser pensada como totalidade fixa, mas como campo de tensões e exceções, onde sujeitos minoritários criam novas formas de pertencimento e resistência a partir de sua exclusão estrutural.

Isto posto, além da formalização matemática, a pesquisa utilizou a Tábua da Sexuação, proposta por Lacan no Seminário 20, para formalizar as posições sexuadas no campo simbólico. Em uma leitura usual, estas posições deslocam a diferença sexual de uma leitura biológica ou essencialista para uma lógica estruturada em torno do significante fálico. Na linguagem, o sujeito perde a fantasia de completude imaginária, marcando-se pela castração simbólica,

entendida não como perda de um órgão, mas como a inscrição de uma falta constitutiva que funda o desejo e organiza sua posição no Outro. A Tábua da Sexuação, nesse contexto, expressa duas posições lógicas: o lado “masculino”, submetido integralmente à função fálica, e o lado “feminino”, caracterizado pelo “não-todo” e um gozo suplementar que escapa à lógica fálica.

Essa formulação implica que não há um significante universal que represente a mulher no campo do Outro, indicando que sua posição não é de ausência ontológica, mas de não-totalização simbólica. A feminilidade, em nossa leitura de Lacan, não corresponde a uma essência, mas a um modo lógico de relação com o gozo e com o real, situado além da lógica binária que sustenta a fantasia de completude. Ao propor que “a mulher não existe”, Lacan desestabiliza qualquer tentativa de definir o feminino como categoria unívoca, mostrando que o gozo feminino, ou “gozo outro”, não se reduz à economia fálica nem à dialética do todo/não-todo. Assim, as categorias de “masculino” e “feminino” designam diferentes modos de inscrição do sujeito na linguagem e no desejo, e não operam como identidades substanciais ou atributos naturais.

Conclui-se que a identidade sexuada, na psicanálise lacaniana, é entendida como efeito de estrutura, não como essência subjetiva. O sujeito emerge de um vazio estrutural, marcado pela alienação à cadeia significante e pela impossibilidade lógica de “fazer Um”, isto é, de suturar o vazio constitutivo. Essa perspectiva mostra que não há relação sexual plena porque não existe complementaridade simbólica capaz de preencher a falta que funda o sujeito. Em termos lógicos, o gozo suplementar, assim como o conjunto vazio, evidencia que é precisamente a falta que torna possível a inscrição do sujeito na linguagem e no desejo. Nessa perspectiva a formalização lacaniana abre caminhos para pensar gênero e identidade não como dados naturais, mas como posições lógicas em disputa, permitindo uma leitura crítica das categorias contemporâneas de identidade.

Por tanto, viu-se que a Tábua da Sexuação representa uma tentativa da psicanálise lacaniana de romper com uma leitura biologizante do gênero, também vimos que Butler e Preciado tensionam esse sistema apontando a necessidade de rearticular os termos da diferença sexual à luz das transformações políticas e

culturais contemporâneas. É justamente nessa perspectiva que se pode pensar a psicanálise não mais nos moldes normativos tradicionais, mas como um campo aberto à crítica e à reinvenção, permitindo vislumbrar as possibilidades de subjetivação que escapam ao binarismo e à lógica fálica.

Nesse tocante, a pesquisa demonstrou que articulação dessas discussões no campo da psicanálise lacaniana deslocou o debate sobre identidade para além das concepções essencialistas e binárias. Conectando com uma famosa proposição de Lacan de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, a pesquisa evidenciou que o sujeito não é uma unidade coesa, mas um efeito do campo do Outro e dos significantes que o antecedem. Nesse sentido, a identidade é sempre parcial, marcada pela falta estrutural e pela impossibilidade de uma representação plena.

A exploração das contribuições da Tábua da Sexuação e da Teoria dos Conjuntos permitiu pensar as operações de pertencimento e exclusão, mostrando que todo conjunto - e, por analogia, toda identidade - se constitui a partir de um vazio que não pode ser eliminado. A noção lacaniana de “não-todo” foi mobilizada para propor uma leitura da identidade como campo aberto, contingente e atravessado por diferenças irreduzíveis. Nesse sentido, sugere-se que a psicanálise, ao reconhecer a divisão estrutural do sujeito, pode contribuir para um diálogo crítico com as questões de identidade e gênero contemporâneas, oferecendo ferramentas para pensar políticas de reconhecimento que não se fundem em totalizações, mas na partilha da falta e da diferença.

### ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Os resultados parciais desse estudo evidenciam que a identidade não é um dado fixo, mas um processo dinâmico e inacabado, atravessado por relações de poder e linguagem. Isto posto, a pesquisa conseguiu provar que na psicanálise lacaniana, a noção de sujeito dividido e barrado oferece ferramentas para compreender as tensões dos movimentos identitários, especialmente as questões de gênero do mundo contemporâneo.

Além disso, a investigação abriu caminho para posicionar a formalização

lacaniana nos debates atuais sobre identidade e gênero. A destacar, assim como um conjunto se constitui simultaneamente pelo que inclui e pelo que exclui, as categorias políticas – como gênero, raça e sexualidade – também carregam em si a marca da incompletude. Essa perspectiva permite pensar a identidade não como unidade plena, mas como um campo de tensões e exceções, onde os sujeitos constroem novas formas de pertencimento e resistência a partir de sua própria exclusão estrutural.

Por fim, o trabalho de pesquisa conseguiu apresentar claramente a importância e relevância da teoria psicanalítica lacaniana para articular pertencimento e exclusão sem recorrer aos essencialismos já ultrapassados no pensamento contemporâneo. A pesquisa logra, assim, propor vias para sustentar uma clínica e uma teoria mais atual e afinada ao tempo e ao território onde é, hoje, exercida.

### ***FONTE CONSULTADA***

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Lucas Angione. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007. *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução / Universidade Estadual de Campinas*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. n. 1 (2002). Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007.

AZEVEDO, Mariana. *Homens feministas: a emergência de um sujeito político entre fronteiras contingentes*. Recife: 2012.

BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Traduzido por Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Revisão técnica de Ari Roitman e Paulo Becker. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARROS, Douglas. *O que é identitarismo?* São Paulo: Boitempo, 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEASLEY, Chris. *What is Feminism? An introduction to feminist theory*. London: Sage Publications, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Traduzido por Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Traduzido por Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Traduzido por Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 2018. CANTOR, G. Beiträge zur Begründung der transfiniten Mengenlehre. *Mathematische Annalen*, 1891. CHAÚÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. COSTA, C.L. O sujeito no feminismo: Revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, Campinas, n19, p. 59-90, 2022. DINIZ, Rosa Virgínia Wanderley. Análise do princípio da identidade em Platão. *Revista Intellectus*, v. 3, n. 30, p. 4-14, 2014. EIDELSZTEIN, Alfredo. *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. Traduzido por José Luiz Coon. São Paulo ; Toro Editora, 2018. FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos*. Volume 9: Genealogia da subjetividade e sexualidade. Traduzido por Abner Chiquieri. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organizado e traduzido por Roberto Machado. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. FREGE, G. Os Fundamentos da Aritmética [Die Grundlagen der Arithmetik]. Traduzido por Luís Henrique dos Santos. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2021. FREUD, Sigmund. *O Eu e o Isso*. *Obras Completas*, Volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. GÖDEL, K. Über formal unentscheidbare Sätze der Principia Mathematica und verwandter Systeme I. *Monatshefte für Mathematik und Physik*, v. 38, 1931. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Traduzido por Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro IX: A Identificação*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Paris: Éditions de l'Association Freudienne Internationale, 2013. LACAN, Jacques. *Escritos*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Traduzido por M.D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. LAGO, Mara Coelho de Souza. *Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996. LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14.ed. de Barros Laraia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001. MAHEIRIE, Kátia. *Identidade: o processo de exclusão/inclusão na ambiguidade dos movimentos sociais*. In: ZANELLA, A. V. et al. (org.). *Psicologia e*

práticas sociais. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 49–56, 2008. MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*, n. 33, 2002. MILLER, J.-A. Silet: Os paradoxos da identidade fregeana. In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 155–170, 1965. NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*. Editora Devires. Edição do Kindle. 2017. PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. PLATÃO. *Fédon*. Tradução e notas de Maria da Graça Schiappa de Azevedo. Coimbra: Minerva, 1988. PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo : n-i edições, 2014. PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala. Traduzido por Sara Wagner York. *Cadernos PET Filosofia*, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 278–331, 2022. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995. SILVA, Jéssica Soares et al. O paradoxo do camaleão: identidade e modernidade líquida segundo a análise de Zygmunt Bauman. *Sociologias Plurais*, v. 5, n. 1, 2019.